

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: _____

Data: NOV. 1980

Pg.: _____

Índio quer passaporte

Se fossem necessários mais exemplos, em curto espaço de tempo tivemos dois casos que demonstram a incompatibilidade da Política, de "P" maiúsculo, com a política castrense. Faltou alguém de bom senso e fácil acesso para poupar o governo da República de dois assuntos ridículos, pelos quais paga o preço da inadvertência. Depois da expulsão do padre italiano — a partir de um episódio menor — chega-se ao caso do índio Juruna.

Nos dois episódios ficou claro que há os que podem e há os que não podem, que uns são mais iguais que os outros perante as leis.

Em 1964, padre Peyton, norte-americano, pôde pregar no Rio e em São Paulo a derrubada do governo constitucional. Já o padre Miracapillo, italiano, em 1980, não pôde seguir a "opção pelos pobres" e dizer meia dúzia de frases que ficariam perdidas no agreste pernambucano.

Juruna não pode ganhar passaporte e viajar para a Holanda, enquanto certos índios da Funai puderam ir ao México com o coronel-presidente e o sertanista Vilas Boas, participando de um congresso bem-comportado.

Claro, os europeus — primeiros responsáveis pelo massacre contínuo de populações indígenas, aqui e em outros continentes — agora sem suas colônias expiam algumas culpas e se divertem com um pouco de folclore. Se índio é sucesso em Brasília, tão próxima da selva, imagine-se em Roterdã.

Juruna, com seu gravador que dá tanto ibope no "Jornal Nacional" e que inspirou até um quadro humorístico/sério no "Planeta dos Ho-

Rio de Janeiro

mens", seria um sucesso impar no Velho Mundo. Mas não diria, nem sua presença faria com que dissessem, nada do que o tribunal Bertrand Russell está dizendo sobre o tratamento que os civilizados dão aos índios, aqui, na América rica ou na América pobre. Acusações de genocídio, etnocídio, opressão e roubo de terras aparecerão com ou sem Juruna.

Mas o tribunal perdeu muito de sua força com o desaparecimento do filósofo inglês que lhe deu o nome e pelo nome abalou o império norte-americano desvendando seus crimes no sudeste asiático. Uma parte desses crimes, revelada pela imprensa, ao ganhar o aval de Russell provocou a condenação universal. As sanções do tribunal, como se sabe, são morais. E não foram sanções morais que acabaram com a tortura aos presos políticos no Brasil, e nem atenuaram as ativas máquinas de repressão no Uruguai, no Chile e na Argentina.

Juruna só não participa desse tribunal (talvez nem fosse eleito presidente se lá se encontrasse) porque alguém decidiu que índio é um problema militar. Não é que a Funai esteja, ocasionalmente, administrada por militares, pois há muito militar mais preparado e mais competente que muitos civis. A postura da Funai é castrense. E índio, por sábio costume, está isento de serviço militar.

J.S/R.